

Cinema
de
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia



5 . Novembro - 1966

“As Noites de Cabíria”

(“Le notti de Cabiria”)

FICHA TÉCNICA:

Realização — Federico Fellini

Argumento e roteiro — Federico Fellini, Tullio Pinnelli, Enzo Flaiano — com diálogos adicionais de Pier Paolo Pasolini

Fotografia — Aldo Tonti e Otello Martelli

Cenografia — Gherardi

Música — Nino Rota

Interpretação — Giulietta Masina (Cabíria), Amedeo Nazzari (o ator), François Perier (Onofrio), Aldo Silvani (o magnetizador), Franca Marzi (Wanda), Dorian Gray (Jessy)

Produção — Dino de Laurentis — 1956

Uma das figuras definitivas do cinema, Federico Fellini não possui apenas uma extraordinária imaginação: poucos cineastas conhecerão tão bem a linguagem fílmica. Esse conhecimento não pode surpreender em quem desde os vinte anos só teve uma profissão: a cinematográfica. E nela trabalhou com alguns dos maiores homens do cinema italiano — Roberto Rossellini, Alberto Lattuada, Pietro Germi —, como argumentista e assistente de direção, antes de partir para uma carreira independente, em 1950, com “Mulheres e luzes” (“Luci del varietà”).

A filmografia que foi construindo, ao longo desses últimos 16 anos, só teve dois momentos menos altos: o de “Un’agenzia matrimoniale” em 1953 e o do episódio de “Boccaccio 70”, em 1962. Todos os outros são antológicos em sua plenitude — os casos de “A estrada da vida” em 1954 e “A doce vida” em 1959 — ou contêm sequências que são as admiráveis obras-primas — os exemplos de “Abismo de um sonho” (1952), “Os boas-vidas” (1953), “A trapaceira” (1955), “Oito e meio” (1962).

Muito se discutiu em torno de sua posição estética: até que medida seria um neo-realista ou desde que limite divergiria da escola. Já se escreveu, e com razão, que o erro foi considerar que a pessoa humana — o tema constante de Fellini, um tanto alargado a partir de “A doce vida” — não se inscrevia na realidade artística, esta derivando tão-só e diretamente do plano social. Ora, nem sempre a visão ou a crítica do contexto social forneceria o realismo. Através do indivíduo, a realidade poderia revelar-se muito mais, se pelo indivíduo — uma parte — se representasse a humanidade — o total. O que importa continuamente é não mistificar, é não alienar, é não falsear.

Tal acontece em “As noites de Cabíria”. Seu humanismo e sua universalidade estão na personagem daquela pequena, insignificante, quase inocente e ridícula prostituta romana, que agiria ao modo quixotesco de quem lutasse contra moinhos de vento. Sua aspiração é a ternura e a bondade: devolvem-lhe o engano e a maldade. Não obstante toda a rudeza que a cerca, ainda sonha com a possibilidade de ser feliz. Depois das traições, sua última face é a de um sorriso ingênuo de adolescente. Imagem paradoxal de pureza e deslumbramento. Irrealidade? Fellini poderia responder que não é um desesperado das possibilidades humanas. Enquanto existir uma revolta contra a desumanização da vida, estaremos sempre buscando uma solução legítima.

Até “As noites de Cabíria” a ética de Fellini se exprimia por uma estética simples, por um despojamento formal que só os incompreensivos julgariam pobreza de estilo. Quem sabe depurar as imagens como Fellini nunca foi um incapacitado para a técnica narrativa: sua *mise-en-scène* tem a exatidão dos que dominam a câmara como instrumento de exprimir e não como fim de expressão. Fellini é “a força e a graça na simplicidade”.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS

Dia 12 — "O assassino", de Elio Petri

Dia 19 — "As amigas", de Michelangelo Antonioni

Dia 26 — "A moça com a valise", de Valério Zurlini